

EXPANSÃO MARÍTIMA E INFLUÊNCIA CULTURAL FENÍCIA NO MEDITERRÂNEO CENTRO OCIDENTAL

Maria Cristina Nicolau Kormikiari
Universidade de São paulo

RESUMO: Nos últimos anos novas descobertas têm redimensionado o conhecimento acerca da expansão marítima fenícia no Ocidente Mediterrânico. Tanto a cronologia – suas diversas etapas – como a extensão geográfica dessa expansão encontram-se hoje melhor determinadas e revelam um panorama diferente daquele anteriormente aceito.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-colonialismo; Colonialismo; Fenícios; Comércio.

Os estudos acerca da expansão fenícia no Ocidente Mediterrânico tomaram um novo rumo nos últimos anos a partir da reanálise conjunta dos dados fornecidos pelas fontes textuais clássicas e pela arqueologia.

Os resultados dessa reavaliação não se encontram concluídos de modo a formar uma teoria única e coesa, entretanto, os estudos já partem de certos pontos definidos os quais nos propomos a apresentar neste artigo. Para tal nos baseamos em alguns escritos específicos de S. Moscati, V. Tusa, G. Bunnens, E. Acquaro, J. N. Coldstream, S. F. Bondí e F. Mazza, entre outros. A medida do necessário pontuamos nosso texto com notas fornecendo essas e outras referências bibliográficas.

Antes de partir para a exposição propriamente dita, contudo, gostaríamos de esclarecer o uso que damos a dois termos específicos com os quais tratamos a expansão fenícia. São eles **pré-colonialismo** e **colonialismo**. Muito tem se discutido acerca da procedência de se utilizar esses termos para definir um movimento que não se adequa às noções modernas que o uso dessas palavras traz.

Isto é, pré-colonização pode ser caracterizada por visitas freqüentes a territórios novos com o intuito de uma posterior colonização. Esta por sua vez se define como a formação de assentamentos estáveis e consistentes, com objetivos expansionistas ou não e com diversos graus de dependência em relação à metrópole.

O uso desses termos torna-se desconfortável justamente porque a expansão fenícia para o Ocidente Mediterrânico não foi um movimento que, nas suas origens, tivesse como projeto futuro o estabelecimento de colônias nas áreas ferqüentadas – o que o teria caracterizado como um movimento pré-colonial na sua acepção mas precisa. Quando a colonização fenícia finalmente ocorre, séculos depois, ela responde a uma conjuntura histórica diferente daquela que motivou as primeiras freqüências no Mediterrâneo. Também seu desenrolar diverge da idéia que o termo colonização traz hoje em dia. No entanto ainda não há um vocabulário mais apropriado, de modo que no que toca à expansão fenícia no Ocidente os termos pré-colonização e colonização são utilizados pelos especialistas para definir duas fases

distintas que se sucedem no tempo e não com etapas sucessivas de um objetivo final único.

Isso posto, passamos aos fatos. As fontes textuais clássicas afirmam a precedência fenícia à grega na colonização do Ocidente Mediterrânico. É famoso o trecho de Tucídides (VI, 2) aonde se diz que os fenícios após terem ocupado toda a Sicília retiram-se, com a chegada em grande número dos gregos, para a região noroeste da ilha; estabelecem-se em Motia, Palermo e Solunto aonde encontram segurança na proximidade de Cartago e aliados nos elímeos, povo indígena local. De maneira geral, os escritores antigos afirmam que a colonização fenícia no Mediterrâneo teria começado no final do século XII a. C. Cadiz e Utica, por exemplo, as duas colônias fenícias na Espanha e no norte da África, teriam sido fundadas em torno de 1.100 a. C. de acordo com Veleio Patérculo (I, 2, 3) e Plínio (XVI, 216) respectivamente. Entretanto, os primeiros vestígios arqueológicos de cidades fenícias propriamente ditas começam apenas no século VIII a. C. (Tusa, 1982, p. 103) e portanto não confirmam os dados textuais. A explicação teórica para essa disparidade apoia-se em dois pontos: em primeiro lugar as fontes textuais referentes à colonização fenícia remetem-se a uma única tradição criada no período helenístico, e em ambientes alexandrinos; essa tradição considera os poemas homéricos como verdades históricas e o retrato dos fenícios como navegadores e comerciantes, que ali é pintado, como contemporâneo aos outros fatos narrados nos poemas. As fontes textuais clássicas também relacionam Hércules como progenitor dos fenícios, assimilando assim as viagens marítimas destes para o extremo ocidente com as viagens míticas do herói grego (Moscati, 1983, p. 1). Em segundo lugar, já em 1925, Biagio Pace (Pace, 1958) havia caracterizado os primeiros "estabelecimentos" fenícios na Sicília como escalas marítimas ao longo da costa, postos comerciais e de armazenamento de mercadorias, com poucas pessoas habitando as vilas indígenas próximas, talvez reunidas em quarteirões próprios, mas sem qualquer tipo de soberania territorial. Seria compreensível que a arqueologia falhasse em apresentar traços desses primeiros "estabelecimentos", dado seu caráter modesto, e que documentasse apenas a consolidação posterior das colônias.

Os fenícios não iniciam, pois, seu processo de colonização do séc. XII a. C., entretanto isso não significa que já não freqüentassem a costa do Mediterrâneo nessa mesma época. De fato, eles navegavam pelo Mediterrâneo em uma fase de visitas sem interesse real de conquista territorial e visando apenas trocas comerciais. Essa fase é denominada pela historiografia atual e pré-colonial e abarca um período que vai do séc. XI ao séc. IX a. C. Tal cronologia adequa-se também ao pensamento moderno que vê a civilização fenícia emergir autônoma somente após a evasão dos chamados "povos do mar" no séc. XII a. C. e a subsequente redefinição territorial que restringirá os fenícios à costa Siro-Palestina (Acquaro, 1987, p. 11).

A teoria de uma fase pré-colonial fenícia explicaria tanto a falta de dados arqueológicos que comprovassem o estabelecimento de verdadeiras cidades, de um lado, por outro, a existência de uma série de vestígios espalhados por todo o Mediterrâneo de uma freqüência comercial fenícia constante já a partir do séc. XI a. C.

Provas dessas freqüências estariam contidas em diversos testemunhos: Luigi Bernabò (Brea, 1964-1965) assinala a ocorrência de um conjunto de elementos culturais achados por toda a Sicília e que fariam parte de uma "Koiné" Mediterrânica cujo ponto de partida seria o Oriente Próximo.

Para Brea a formação dessa "Koiné" se deveria em grande medida aos contratos travados entre fenícios e povos indígenas do Mediterrâneo por ocasião de trocas comerciais.

Esses elementos seriam: a fíbula com "arco curvo ou com olho" da cultura de Cassibile, datada entre os sécs. X e IX a. C.; a "chaleira" com formato de garrafa esferoidal, pescoço estreito e boca para verter com peneira, que aparece desde o séc. XI a. C. e é mantida até o final do séc. IX a. C.; o cântaro com a boca trilobada do séc. X a. C. e portanto não atribuível à influência grega; os anéis digitais de ferro da necrópole de Mulino della Badia, perto de Grammichele, datados talvez do séc. X a. C. e daí a importação fenícia e não de fabricação local.

A estes objetos juntam-se outros, encontrados mais recentemente na região oriental e centro-oriental da Sicília, ou seja, como nos exemplos anteriores, em áreas onde os fenícios não estabelecerão futuramente suas cidades. Em Tapsos temos tumbas de tipo fenício e em Siracusa, Megara e Caltagirone uma série de pequenos objetos de origem oriental ou egípcia que têm os fenícios como portadores: escaravinhos e amuletos em pasta vítrea e em esteatite, entre outros, que fazem parte de um "pacote" oriental do comércio fenício e que são datados entre o final da fase pré-colonial e o início da colonial. Desse mesmo período em Gela e em Sant'Angelo Muxaro encontram-se taças metálicas que demonstram a existência de um comércio fenício de bens de luxo (Moscati, 1988, p. 14).

Em outras áreas do Mediterrâneo os vestígios fenícios também se fazem presentes. Na Sardenha e na Espanha os dados apontam para uma frequência pré-colonial entre os séculos X-VIII a. C. No primeiro local, a Sardenha (Tore, 1981, pp. 261-262), os dados são mais escassos, mas mesmo assim temos elementos fenícios do contexto de Monte Prama e objetos de bronze, figurados ou não, provenientes dos dftios de S. Maria di Paulis, Flumenlongu, Paulilatino e Mandas, datáveis do século IX a. C. Já em Tarros, o único local entre os citados que posteriormente se tornará um centro fenício, foram achados vestígios de uma frequência ainda na fase pré-colonial constituídos por artefatos cerâmicos e cipriotas, levados para lá – como se acredita – pelos próprios fenícios. No que concerne à Espanha (Almagro Gorbea, 1981; Niemeyer, 1981), recentes descobertas de uma equipe arqueológica hispano-alemã trouxe em evidência dados que demonstram a primazia desta região em relação a outras do Mediterrâneo como objetivo do fenômeno das navegações fenícias. Os trabalhos efetuados por Martin Almagro Gorbea e por Hans Georg Niemeyer assinalam que nos séculos X e IX a. C. é possível distinguir um horizonte cultural definido como "proto-orientalizante". Este se caracteriza pela presença de objetos exóticos importados e por alterações nas representações artesanais indígenas constituindo uma reação local ao movimento pré-colonial fenício. Posteriormente, no século VIII a. C., com o estabelecimento das primeiras colônias, o mesmo fenômeno tornaria a ocorrer: ou seja, um horizonte cultural, agora denominado "orientalizante", pode ser, de novo, distinguido e é explicado como uma nova reação à nova investida fenícia.

Ao falarmos de uma fase pré-colonial fenícia torna-se necessário mencionar sua relação com a similar fase pré-colonial grega que vai dos séculos XVI ao XI a. C. e cujos protagonistas foram os micênios. É justamente na terceira e última etapa das navegações micênicas rumo ao ocidente que os fenícios se encaixam. O quadro descrito para caracterizar a ação fenícia não é de modo algum diverso daquele que se utiliza para definir a ação micênica. Ou seja, frequências sem

intenções de conquista territorial ou tentativa de formações de núcleos estáveis e consistentes; uma navegação cujos objetivos eram trocas comerciais. mesmo não podendo excluir a possibilidade de que – pelas mais variadas razões, inclusive o casamento – grupos de pessoas estabeleceram-se nas terras freqüentadas e, por vezes, formaram oficinas itinerantes, sabemos que, nesse momento, colônias não foram fundadas (Moscati, 1983, p. 3).

Indícios de uma presença conjunta de elementos egeus e fenícios na Sicília, Sardenha e em menor quantidade, na Espanha, existem. Como exemplos podemos citar: a estatueta de bronze representando a divindade Adad, encontrada no mar da Sicília próximo à costa de Selinonte, e que por ser datada dos séculos XIII e XII a. C. comporta a possibilidade de ter sido transportada por mercadores micênicos¹; alguns objetos orientais, mais antigos, associados a contextos egeus e tidos como importações cipriotas na Sardenha (Lo Schiavo, 1976, p. 15); e achados de cerâmica geométrica de uma fase anterior à colonização fenícia, na Andaluzia e na Estremadura, na Espanha, que também sugerem freqüências análogas de elementos egeus e fenícios (Almagro Gorbea, 1977, pp. 123-24; Bendala Galán, 1979, pp. 34-35).

A análise destas navegações conjuntas levam-nos basicamente a duas considerações²: em primeiro lugar, não haveria uma exclusividade da presença fenícia no Mediterrâneo, muito pelo contrário. Descarta-se assim qualquer tentativa de atribuir-se, para a fase pré-colonial, um caráter de projeto preparatório visando uma futura colonização. Em segundo lugar, as rotas utilizadas pelos fenícios, na sua maioria, não serão aquelas, como já dissemos, sobre as quais se fundarão as cidades fenícias. De fato, essas rotas parecem ser baseadas em já conhecidos itinerários micênicos.

Uma colaboração fenício-micênia deve ter favorecido a introdução dos fenícios em áreas por eles anteriormente desconhecidas e aonde procuraram manter uma modalidade de troca já experimentada em contexto oriental: um comércio de penetração seletiva e direcionado para as camadas nobiliárquicas das sociedades freqüentadas para as quais eram vendidas mercadorias de valor elevado (bronze trabalhado, marfim, utensílios de ferro, etc.). Há a hipótese de que a posse desses bens representasse um símbolo de status, de distinção social para uma camada que havia sofrido uma rápida evolução e uma forte diferenciação interna, com a conseqüente ascensão de elites nobiliárquicas (Bondi, 1985, p. 248). Os interesses fenícios residiam por sua vez em metais brutos – para serem posteriormente trabalhados e revendidos –, daí a primazia da Espanha, rica em minérios; e em produtos agrícolas.

1 Tusa, V. "La colonizzazione fenicia e le culture anelleniche di Sicilia", em *Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico*, Acquaro, E.; Godart, L.; Mazza, F.; Musti, D. (org.), Atas do Convênio Internacional, Roma, 1985, Coll. di Studi Fenici, 28, Academia Belgica, Instituto per la Civiltà Fenicia e Punic, Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1988, p. 284. O tipo iconográfico da estatueta em questão é bem conhecido na Síria durante o Bronze Tardio, em particular em Ugarit de onde provém exemplares semelhantes também datados dos séculos XIII-XII a. C.

2 Os dados ora apresentados baseiam-se essencialmente em Bondi, S. F. "Problemi della precolonizzazione fenicia nel Mediterraneo cetro-occidentale", em *Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico*, cf nota 1, p. 248-252

No estágio atual dos estudos não podemos apresentar as possíveis formas de colaboração entre fenícios e micênicos, entretanto, algumas questões podem ser levantadas: uma delas seria o importante papel de Chipre como intermediária nas relações fenício-micênicas. É uma possibilidade que não pode ser descartada a despeito da falta de dados mais consistentes. Chipre, devido tanto à sua posição geográfica – sua extremidade sudeste está a menos de 100km da costa Siro-palestina – como às suas riquezas minerais, foi freqüentada já desde a metade do II^o milênio por egeus e cananeus. A presença fenícia³ é ali atestada entre o final do II^o e o início do I^o milênios em diversos sítios: Golgoi; Idalion; Tamassos; Marion e Lapethos. isto para não mencionarmos Kition, a colônia fundada por Tiro no século IX a. C.⁴. Ou seja, no final do II^o milênio, quando se inicia o processo que, conforme nossa nota 4, qualificamos de verdadeira pré-colonização fenícia em Chipre, a presença micênica na ilha já era um fato desde o século XIV a. C. Estes dois povos voltados para o comércio devem, com certeza, ter entrado em contato nessa área rica em metais brutos (especialmente o cobre), um bem que interessava a ambos.

A outra questão diz respeito ao estatuto das instituições fenícias e micênicas. Como os micênicos, os fenícios possuíam uma forma de governo baseada no poder real – os semitas adotam esta forma de governo logo após a transição que substitui o nomadismo patriarcal das primeiras tribos pela sedentarização urbana. Desde as cartas de El Amarna, do século XVI a. C., até os arquivos assírios encontramos freqüentes referências a reis nas cidades fenícia; listas dinásticas, mesmo incompletas, podem ser elaboradas. De modo que, no primeiro momento da fase pré-colonial (fins do II^o milênio), as sociedades micênica e fenícia compartilhavam um estatuto monárquico de forte controle econômico; no seu início, as navegações fenícias eram, pois, vistoriadas do palácio sob esquemas familiares ao partner micênico. Posteriormente esse quadro se alterará: a rica classe dos mercadores se fortalecerá cada vez mais a ponto de, já no I^o milênio, tomar para si vários encargos políticos, entre eles o da expansão marítima fenícia.

O arco de tempo que cobre a fase pré-colonial fenícia é razoavelmente grande, indo do século XI ao IX a. C. e, portanto, não se colocando em um único quadro histórico. Essa fase abrange a formação da especificidade fenícia até a crise política, com a invasão assíria, que diminuirá sua autonomia precedente. De maneira

3. Mazza, F. "La 'precolonizzazione' fenicia: problemi storici e questioni metodologiche", em *Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico*, cf. nota 1, p. 197-198. Mazza considera que a freqüência fenícia representaria uma exceção ao que foi dito até agora sobre a ação pré-colonial fenícia no Mediterrâneo. Ele vê em Chipre "un quadro di progressiva stabile presenza di genti fenicie in alcune parti dell'isola, almeno fin dal X secolo, la cui evoluzione sucessivamente attestata in 'colonie' vere e proprie può certamente legittimare l'uso dell'aggettivo 'precoloniale' per definire la fase ed i fenomeni immediatamente precedenti." (p. 199)

4. Harde, D., 1962, p. 52-54. De acordo com este autor as escavações de V. Karageorghis revelaram a existência de um estabelecimento anterior à Kition, situado onde hoje é a atual Larnaka e datado do século XIV a. C. Essa cidade fortificada do Bronze Tardio recebeu duas ondas migratórias de colonos aqueus nos séculos XIII e XII a. C. e só foi abandonada no início do século X-a. C. Mas tarde o centro desta primeira cidade foi deslocado para mais perto da costa – característica essencial dos estabelecimentos fenícios – por colonos tírios que ali fundaram Kition no século IX a. C. Os templos micênicos do antigo sítio, entretanto, foram reutilizados e permaneceram em uso até o final do século IV a. C.

que os modos e os objetivos das navegações fenícias não são uniformes. Podemos distinguir dois períodos distintos na fase pré-colonial: um primeiro, mais modesto, situado no final do II^o milênio e que engloba conjuntamente o final das navegações micênicas aproveitando-se, inclusive, delas; e um segundo, nos séculos X e IX a. C., mais denso e menos ocasional, caracterizando-se como um alargamento do circuito comercial iniciado no período anterior e onde se insere o quadro dos exemplos apresentados no início da nossa exposição.

Queremos fazer notar também que como todos os acontecimentos históricos, os limites entre a fase pré-colonial e a colonial que se inicia no século VIII a. C. não são rígidos. Um bom exemplo desta elasticidade está no fato de que, entre os séculos VIII e VII a. C., o comércio característico da fase pré-colonial continuou a ser efetivado em diversos pontos do Mediterrâneo: atesta-se a importação de jóias fenícias na zona de Tanger⁵ e as já citadas importações de jóias e bijuterias na Sicília centro-oriental. Este comércio reflete, na verdade, trocas pontuais de objetos de luxo para satisfazer necessidades de prestígio de elites locais; não representa, pois, os contatos que se instauram, nesse mesmo período, entre as colônias fenícias, as gregas e os povos indígenas do Mediterrâneo (Bondi, 1988, p. 251).

Também na Sardenha há indícios da chamada ação "pré-colonial" ou "a-colonial" em época colonial: encontraram-se objetos fenícios de alto valor (peças de bronze e artesanato metálico em geral) em ambientes "nurágicos" dos séculos VIII e VII a. C.; esses tipos de objetos não aparecerão mais, posteriormente, em locais de influência dos colonizadores. Podemos citar como exemplos a taça de bronze de Villacidro; alguns bronzes figurados fenícios; a lâmina de ouro de Forraxi-Nioi e o anel de ouro de Galtellí (Bondi, 1985, p. 252).

Concluindo, tanto os gregos como os fenícios possuem uma marcante fase pré-colonial. A colonização grega começa na Itália no século VIII a. C. precedida em alguns anos pela Fenícia – Ischia é fundada pelos gregos em 775 a. C. e Cartago, pelos fenícios, em 814 a. C. –; o movimento fenício cede, segundo Sabatino Moscati (Moscati, 1988, p. 17), à pressão da colonização grega que possui reais intenções de conquistas territoriais. Em razão dessa pressão a colonização fenícia perde seu caráter "informal" e transforma suas escalas de apoio em verdadeiras e consistentes estruturas urbanas – obviamente também respondendo a demandas de desenvolvimentos históricos próprios na costa Siro-palestina.

O papel da Sicília nesse quadro de contatos comerciais e trocas culturais intensas é crucial: geograficamente é o eixo das rotas marítimas que cruzam o Mediterrâneo, apresentando já desde o século XII a. C. núcleos populacionais – Pantalica, Cassibile, Dessueri, Sant'Angelo Muxaro, Finocchito, etc. – com os quais os fenícios teriam todo o interesse em comerciar; é também o palco dos encontros entre gregos e fenícios, primeiramente, e gregos e púnicos, posteriormente; por fim é onde as colônias fenícias, que são ali fundadas a partir do século VIII a. C.,

5. Para esta área, que não foi palco de qualquer movimento colonial fenício para o período dado e que não possuía, nessa mesma época, fenômenos reais de concentração urbana, os objetos fenícios constituem "...uno dei più validi indici sia del livello economico sia dell'acquisizione a paradigma, per le classi sociali indigene più elevate, di schemi di una società, portatrice di modelli di maggior prestigio". Acquaro, E. "L'espansione fenicia in Africa. Fenici e Arabi nel Mediterraneo". Apud Bondi, S. F., op. cit., p. 251

demonstrarão uma autonomia que se refletirá na sua ação como centros irradiadores de inovações culturais no mundo púnico.

ABSTRACT: *In the last years new finds have reviewed the knowledge about the phoenician maritime expansion in the West Mediterranean. Both this expansion's chronology – its various phases – and geographic extension are today better delimited and reveal a different panorama from the one previously accepted.*

BIBLIOGRAFIA

ACQUARO, E. *Cartagine: un impero sul Mediterraneo*, Roma, Club del libro Fratelli Melita, 1987.

ALMAGRO GORBEA, M. "El bronce final y el período orientalizante en Extremadura", Madrid, 1977 e Bendala Galán, M. "Las mas antiguas navegaciones griegas a España y el origen de Tartessos", em **Archivo Español de Arqueología**, Madrid, v. 52, 1979.

ALMAGRO GORBEA, M. *Colonizzazione e acculturazione nella Penisola Iberica: Forme di contatto* e Niemeyer, H. G. "Anno octogesimo post Troiam captam...Tyria classus Gadis condidit? Polemische Gedanken zum Gründungsdatum von Gades (Cádiz)", *Hamburger Beiträge zur Archäologie*, 8, 1981. Apud Bondì, S. F. "Problemi della precolonizzazione fenicia nel Mediterraneo centro-occidentale", em **Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico**, Acquaro, E.; Godart, L.; Mazza, F.; Musti, D. (org.), Atas do Convênio Internacional, Roma, 1985, Coll. di Studi Fenici, 28, Academia Belgica, Instituto per la Civiltà Fenicia e Púnica, Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1988.

BREA, L. B. "Leggenda e archeologia nella protostoria siciliana", em **Kokalos**, 10-11, 1964-1965, p. 1-33. Apud Moscati, S. "Fenici e Cartaginesi in Sicilia", em **Kokalos**, 18-19, 1972-1973.

HARDEN, D. *The Phoenicians*. Middlesex: Penguin Books, 1962.

LO SCHIAVO, F. "Il ripostiglio del nuraghe Flumenlongu (Alghero-Sassari)", em **Sassari**, 1976. Apud Bondì, S. F., op. cit.

MOSCATI, S. "Precolonizzazione greca e precolonizzazione fenicia", em **Revista di Studi Fenici**, Roma, n. 11, 1983.

MOSCATI, S. "Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico", em **Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico**, op. cit.

PACE, B. *Arte e civiltà della Sicilia Antica*, I, Milão-Roma-Nápoles, 1958.

TORE, G. "Elementi sulle relazioni commerciali della Sardegna nella prima età del ferro", em **Atas do I Congresso Internacional de Estudos Geográfico-históricos: "La Sardegna nel Mondo Mediterraneo"**, Sassari, 1981. Apud Bondì, S. F., op. cit.

TUSA, V. "La presenza fenicio-púnica in Sicilia", em **Phönizier im Westen**, Die Beiträge des Internationalen Symposiums über "Die phönizische Expansion im Westlichen Mittelmeerraum", Colônia, 1979, Hans Georg Niemeyer (org.), Mainz am Rhein, Verlag Philipp Von Zabern, Deutsches Archäologischer Institut, Madrid, Madrider Beiträge, v. 8, 1982.